

A vinda ao Brasil de John Bernard Bury e a edição do livro Arquitetura e Arte no Brasil Colonial¹

The arrival of John Bernard Bury in Brazil and the edition of the book
Arquitetura e Arte no Brasil Colonial

Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira²

A moderna historiografia da arte brasileira do período colonial foi marcada nas décadas de 40 a 60 por três importantes nomes de autores estrangeiros: o francês Germain Bazin, o norte-americano Robert Chester Smith e o inglês John Bernard Bury. Dos três, apenas Germain Bazin sempre foi o mais conhecido dos leitores brasileiros, graças às traduções publicadas pela Editora Record de seus livros fundamentais: *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil* (2 vols., 1983 – original francês de 1956-1958) e *O Aleijadinho e a Escultura Barroca no Brasil* (1971 – original francês de 1965).

Embora Robert Smith não tenha chegado a elaborar obra de síntese dada a heterogeneidade dos temas que suscitaram o interesse de seus estudos brasileiros, trata-se certamente do autor estrangeiro que mais escreveu sobre assuntos relacionados a nossa arte colonial. Se a maioria dos títulos da extensa relação constante de sua bibliografia publicada no estrangeiro a partir de 1939 permanece, ainda hoje, pouco conhecido do público brasileiro, uma boa parte, entretanto, incluindo monografias essenciais tais como *Arquitetura Colonial (As Artes na Bahia, Salvador, 1956)* e *Arquitetura Civil no Período Colonial (Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, vol. 17, 1969)* teve divulgação no

¹ Este artigo faz parte de uma publicação intitulada *Etapas de um percurso - Trajetória de 50 anos de atividades de uma historiadora da arte no Brasil – 1972-2022*. A publicação está prevista para o primeiro semestre de 2024.

² Professora aposentada da UFMG e UFRJ; autora de diversos livros sobre a arte no Brasil setecentista.

Brasil, incluindo uma coletânea de seus estudos relativos ao Nordeste, organizada após o falecimento do autor em 1975, pela Universidade Federal de Pernambuco em convênio com a 3ª Diretoria Regional da SPHAN (*Igrejas, Casas e Móveis – Aspectos da Arte Colonial Brasileira*, Recife, 1979)³.

Quanto a John Bernard Bury, lembre-se que morou no Brasil no ano de 1943, quando trabalhava na empresa Shell e que já nesta época publicou dois artigos sobre o Aleijadinho no Boletim desta empresa. Regressando à Inglaterra continuaria a publicar trabalhos importantes sobre a arte colonial brasileira, incluindo os fundamentais ensaios *Jesuit Architecture in Brasil* (1950), *Estilo Aleijadinho and the Churches of the XVIIIth. century Brazil* (1952) e, sobretudo, *The Borrominesque Churches of Colonial Brazil* (1955) – conhecidos no Brasil apenas por um reduzido grupo de especialistas.

Tive a incrível sorte de conhecê-lo casualmente, em 1988, por ocasião do IV Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte em Coimbra. Embora seu nome constasse da lista de participantes, deduzi que deveria tratar-se de um homônimo, já que há mais de trinta anos não se ouvia falar desse autor no Brasil, do qual eu conseguira, não sem dificuldades, localizar em bibliotecas europeias os textos acima citados. O “*very british*” personagem que eu tinha à minha frente riu-se gostosamente de meu espanto, traduzido na interrogação bem pouco formal “*do you really exist?*” que escapou antes que eu me desse conta. Foi o bastante para que nos tornássemos familiares.

John Bury trazia em sua bagagem uma cópia xerox do capítulo que redigira em 1984 para a *The Cambridge History of Latin America* sobre a arquitetura e arte no Brasil colonial, na esperança, disse-me então, de que algum brasileiro porventura presente ao simpósio em Coimbra se interessasse pela sua publicação

3 Os estudiosos de arte brasileira do período colonial sempre se perguntaram das razões do convite oficial para a redação do livro “Arquitetura religiosa barroca no Brasil” baseado na documentação reunida pelo IPHAN não ter sido feito a Robert Smith, especialista internacional do tema e sim a Germain Bazin. Possivelmente, a principal seja que a linha historiográfica de cunho nacionalista almejada na época divergia da interpretação de cunho mais globalizante de Robert Smith.

no Brasil. Prometi encaminhar o texto à *Revista do Patrimônio* e à *Revista Barroco* de Minas Gerais e de volta ao Brasil fiz algumas gestões nesse sentido.

Entrementes, na correspondência que iniciamos a partir de 1987, Bury começou a remeter-me exemplares originais de outras publicações de sua autoria sobre a arquitetura e a escultura do Brasil colonial, entre os quais os artigos iniciais sobre o Aleijadinho e sua obra em Congonhas, dos quais eu conhecia apenas *The twelve prophets of Congonhas do Campo* e o *Jesuit architecture in Brazil*, todos publicados no final dos anos 40 e início dos 50. Em seguida vieram estudos sobre a arte portuguesa dos séculos XVI a XVIII, incluindo o elucidativo artigo sobre o barroco tardio e o rococó no norte de Portugal, publicado em 1956, particularmente útil na análise dos fenômenos artísticos correlatos na Minas Gerais setecentista.

A esta altura já começava a me pesar na consciência a ideia de ser provavelmente a única pessoa no Brasil a possuir exemplares originais de todas as publicações de John Bury relativas à arte brasileira e portuguesa dos períodos maneirista, barroco e rococó, períodos esses delimitados e analisados pelo autor com grande acuidade crítica, numa interpretação completamente nova e original, particularmente no que se refere à chamada “arte jesuítica”, para o maneirismo e a arquitetura mineira setecentista, para o barroco e o rococó. Impôs-se assim, naturalmente, a ideia da sua divulgação em língua portuguesa para um público amplo, incluindo tanto os especialistas, quanto os interessados em arte de um modo geral.

Uma consulta preliminar à Editora Nobel na pessoa de sua diretora editorial Carla Milano Benclowicz e o estímulo de meu amigo José Mindlin (que compreenderam, ambos, a importância da divulgação destes textos para a pesquisa da História da Arte no Brasil) e foi viabilizada a publicação do livro, ficando assentado que eu me responsabilizaria pela sua organização, revisão da tradução a ser providenciada pela editora e obtenção do material fotográfico complementar. Escusado acrescentar que John Bury aderiu com grande satisfação ao projeto, prontificando-se a escrever o prefácio autobiográfico com informações preciosas

sobre as circunstâncias em que foram feitas suas pesquisas no Brasil e as razões de seu afastamento do cenário intelectual brasileiro no final dos anos 50.

Os lançamentos ocorreram em novembro de 1990 no Rio de Janeiro e São Paulo e contaram com a presença do autor, em viagem que pode ser considerada histórica, já que não voltara ao Brasil desde 1948, sendo bastante concorridos e amplamente divulgados na imprensa. Mas surpreendeu-me a atitude do próprio John Bury quando já no aeroporto para a viagem de volta a Londres me declarou que a vinda ao Brasil não tinha sido uma boa experiência, nada tendo encontrado que tivesse relação com suas lembranças do passado. Realmente 42 anos de intervalo era um lapso grande demais e ambos haviam mudado: o Brasil e o jovem Bury de 40 anos agora octogenário...